



O CARNAVAL NOS ARRABALDES RECIFENSES: OS FOLIÕES E AS PRÁTICAS CULTURAIS NOS ANOS 1950

Luiz Henrique Costa dos Santos¹

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender a história das práticas carnavalescas nos subúrbios da cidade do Recife ao longo da década de 1950. Uma época marcada pela expansão demográfica e territorial, de dificuldades nas áreas de transporte, saúde, educação e economia, de variações e mudanças nas administrações públicas e de efervescência cultural. Sabemos que o Carnaval é um tema de longa duração, mas o foco da nossa análise são os anos da década de 1950. A escolha deste recorte temporal surgiu na observação de que são poucas as produções acadêmicas sobre os festejos de momo do Recife nesse período, sinal de que existem muitas lacunas a serem preenchidas neste campo de pesquisa. Apresentamos as características dos bairros periféricos, destacamos as atividades carnavalescas realizadas nos subúrbios e no centro da cidade, procurando identificar os principais lugares onde a festa era praticada. O estudo também analisa o perfil de algumas pessoas que vivenciaram os carnavais do período proposto (como Dona Santa, Vovô do Frevo, José Bezerra Cavalcanti e Egídio Bezerra) e a composição social dos componentes das agremiações carnavalescas, partindo da idéia de valorização da história das pessoas comuns, pois homens e mulheres de todas as idades e classes sociais foram e são agentes históricos, pessoas que estão em constante processo de construção social.

Palavras-chave: Carnaval. Recife. Práticas culturais.

ABSTRACT

This research seeks to understand the history of carnival practices in the suburbs of the city of Recife during the 1950s. A time marked by demographic and territorial expansion, difficulties in transportation, health, education and economy, variations and changes in government and cultural effervescence. We know that Carnival is a long-term issue, but the focus of our analysis are the years of the 1950s. The choice of this time frame appeared on the observation that there are few academic productions on the festivities of carnival of Recife during this period, a sign that there are many gaps to be filled in this field of research. We present the characteristics of the suburbs, we highlight the activities carried out in the suburbs and carnival in the city center, trying to identify the main places where the party was committed. The study also analyzes the profile of some people who experienced the carnival of the proposed period (as Mrs. Santa, Grandpa Frevo, José Bezerra Bezerra Cavalcanti and Egídio Bezerra) and the social composition of the components of carnival associations, based on the idea of valuing people's history common, for men and women of all ages and social classes were and are historical actors, people who are in a constant process of social construction.

Keywords: Carnival. Recife. Cultural practices.

INTRODUÇÃO

¹ Graduado em Licenciatura Plena em História (UNICAP), pós-graduando do curso de Especialização em Cultura Pernambucana (FAFIRE). E-mail: luiz.hist@yahoo.com.br

De forma geral, pretendemos neste trabalho, compreender a história das práticas carnavalescas nos subúrbios da cidade do Recife ao longo da década de 1950, buscando apresentar as características dos bairros periféricos, destacar as atividades carnavalescas realizadas nos subúrbios e no centro da cidade, procurando identificar os principais lugares onde a festa era praticada e analisar o perfil de algumas pessoas que participavam das práticas culturais carnavalescas.

Assim, ao longo do texto buscaremos responder algumas questões: Quais os principais bairros, fora do centro, que realizavam as atividades carnavalescas? Como era praticado o carnaval nos subúrbios do Recife nos anos 1950? Como os foliões utilizavam esses espaços? Qual era o perfil social dos brincantes que participavam da festa? Quais eram as práticas culturais mais conhecidas?

Sabemos que o Carnaval é um tema de longa duração, mas o foco da nossa análise é a década de 1950. A escolha deste recorte temporal surgiu da observação de que são poucas as produções acadêmicas sobre os festejos de Momo no Recife nesse período, sinal de que existem lacunas a serem preenchidas neste campo de pesquisa. Alguns trabalhos tratam sobre a influência que teve a fábrica de discos Rozenblit, mas pouco sobre as práticas culturais durante o carnaval. A ênfase da literatura acadêmica está na análise do carnaval do século XIX até a década de 1940 e depois nos anos 1960 em diante, com destaque para o livro da antropóloga Katarina Real.²

A princípio, em termos de significação, podemos ver o Carnaval sobre duas perspectivas. Primeiro como uma festa polissêmica³, ou seja, possui vários significados. Pode ser considerado como um momento de intensa alegria e confraternização vivenciada pelo povo, um momento de realização de críticas e/ou protestos contra um regime governamental ou mesmo contra preconceitos culturais, e também pode ser visto como um espetáculo, que administrado pelo governo procura atrair turistas de várias partes do mundo para gerar lucros na cidade onde a festa acontece.

Além da característica polissêmica o Carnaval também pode ser considerado como uma festa híbrida, no sentido proposto pelo estudioso Néstor García Canclini quando define o conceito de hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e

² REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.

³ A idéia do carnaval como festa polissêmica está presente em: BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800**. Trad. Denise Bottmann. – São Paulo : Companhia das Letras, 2010.



práticas”⁴. Assim, o carnaval praticado no Recife pode ser considerado híbrido, visto que vários elementos culturais interagem num mesmo período do ano para gerar novas práticas, novos objetos, novas formas de sociabilidade. São danças, ritmos e cores que se misturam para formar o que conhecemos como Carnaval.

Sobre as fontes utilizadas para a produção deste artigo foram destacadas as fontes impressas, disponíveis no acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), onde conseguimos analisar os periódicos com matérias sobre o carnaval, destacando-se: CARNAVAL de 1955, Cidade do Recife, Correio do Povo, Folha da Manhã e Diário de Pernambuco. Os textos publicados no Diário Oficial de Pernambuco também foram fundamentais para colher informações sobre a estrutura social dos brincantes. Além do material impresso, tivemos a oportunidade de analisar o conteúdo de dois vídeos referentes ao recorte temporal proposto: “Olha o Frevo - Hucker Vieira” e “Carnavais de 1941 - 1953”. Em ambos temos imagens das práticas carnavalescas executadas nos principais pólos do centro da cidade.

O CARNAVAL NOS ARRABALDES DA CIDADE

Antes de tudo, é necessário definir este jargão denominado arrabalde, que hoje normalmente chamamos de subúrbio. A palavra aparecia algumas vezes nas manchetes e matérias dos jornais que circulavam no Recife na década de 50 para se referir aos bairros periféricos, afastados do centro da cidade. Mas, o que é um bairro? O que é um subúrbio? Segundo o historiador Michel de Certeau:

[...] o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se portanto apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um *espaço privado particularizado* pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço.⁵

De acordo com a arquiteta pernambucana Virgínia Pontual o conceito de subúrbio proposto para a compreensão dos cenários urbanos da cidade do Recife nos anos 50 não pode ser considerado apenas como um conjunto de povoações isoladas e separadas do contexto urbano central, o subúrbio:

⁴ GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. XIX

⁵ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 2, Artes de fazer. 7. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008. p.40

[...] consistia em lugares contíguos ao tecido urbano, porém, com uma ocupação dispersa e rarefeita, e desempenhando, quase exclusivamente, a função residencial. Dessa forma, vários bairros continham os quadros urbano e suburbano.

O lugar urbano abrangia os bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista, bem como parte de Santo Amaro, Graças, Encruzilhada, Afogados e Madalena. O suburbano incluía os remanescentes territórios destes últimos cinco bairros e parte de Tejipió, Boa Viagem, Várzea, Poço, Casa Amarela e Beberibe. Compreendia portanto, a maior porção do território.⁶

No que diz respeito aos aspectos demográficos, o Recife, que na década de 40 possuía cerca de 348,4 mil habitantes, teve um aumento populacional que chegou a superar a marca de meio milhão de habitantes, por causa do fluxo de migrantes, pessoas que deixaram a vida campestre na tentativa de melhorar suas condições de vida na capital. Segundo os dados do IBGE, em 1959 a população estimada na capital pernambucana era de 765.305 habitantes⁷. Este aumento demográfico também teve reflexo na expansão do território do município, que passou de 180 km² para 209 km², somente nos anos 50, período no qual foi definida a forma urbana atual.

Segundo Marly Rodrigues houve uma série de alterações nos aspectos físicos das cidades brasileiras:

Os centros urbanos começaram a “inchar” e a transformar. Antigos bairros descaracterizaram e mudaram de função. Antigos moradores cederam espaço a migrantes recém-chegados; residências unifamiliares tornaram-se habitações coletivas. Edifícios, antes referências da cidade, foram destruídos e substituídos por centros comerciais.

As favelas e os bairros de periferia brotaram na mesma intensidade que novos bairros de classe média e de “grã-finos”, refletindo no espaço físico a distinção entre grupos sociais e desafiando as metas dos técnicos em planejamento urbano que, através de planos diretores, tentavam disciplinar a ocupação do solo.⁸

Essas mudanças nos cenários urbanos do Brasil também tiveram efeito no Recife, tanto nos bairros centrais como nos bairros periféricos. No centro da cidade, no agrupamento dos bairros de Santo Antônio, São José e Recife, não foram executadas alterações significativas na configuração do tecido urbano, ruas e avenidas que permitiam a mobilidade das pessoas. Contudo, era possível perceber as modificações na paisagem urbana com a construção de edificações verticalizadas e a diversidade de ocupação de vários segmentos industriais, comerciais e residenciais.

⁶ PONTUAL, Virgínia. **Uma Cidade e Dois Prefeitos**: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950. Recife: Ed UFPE, 2001. p.37-38

⁷ IBGE, Laboratório de Estatística. Extraído do: Anuário estatístico do Brasil 1959. Rio de Janeiro: IBGE, v. 20, 1959. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>

⁸ RODRIGUES, Marly. **A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003. p.31-32

Já no agrupamento dos bairros periféricos como: Encruzilhada, Campo Grande, Afogados, Tejipió, Várzea, Engenho do Meio, Cordeiro, Pina e Imbiribeira, foi comum a expansão e dilatação das residências unifamiliares, que abrigavam os segmentos médios, de baixa renda e vilas operárias. Em alguns bairros também houve a intensificação da ocupação dos morros por mocambos⁹, como em Casa Amarela e Beberibe.

Assim, esses agrupamentos ou conjuntos urbanos revelam que o Recife estava dividido: existiam os espaços para a prática do comércio, industrialização e operações financeiras; os espaços das habitações unifamiliares das classes sociais média e alta; e os espaços das habitações das classes de baixa renda, as vilas operárias, as favelas e os mocambos.¹⁰

O aumento dos campos territoriais e demográficos também trouxe conseqüências no conjunto social da cidade. A chegada das pessoas que vinham das zonas rurais somado ao alto índice de desemprego fez com que aumentasse o nível dos trabalhos informais. O Recife crescia, porém não conseguia absorver a mão-de-obra disponível. Para completar o quadro de fatores negativos, também havia deficiências na distribuição de água, de energia elétrica, analfabetismo, mortalidade infantil e a economia estava estagnada por conta da dominação açucareira e a falta de investimentos na industrialização. Essas e outras dificuldades não assolavam só o Estado de Pernambuco, mas era uma realidade vivida pela região Nordeste.

A cidade do Recife, na década de 1950, vivia um período de expansão demográfica e territorial, de dificuldades nas áreas de transporte, saúde, educação e economia, de variações e mudanças nas administrações públicas e de efervescência cultural, e foi neste cenário que o reinado de Momo continuou a reger a alegria das pessoas. Entre os bairros considerados como centralizadores das atividades carnavalescas estavam: Santo Antônio, São José e Boa Vista. Entre os subúrbios que apareciam como cenários de grande valor para as folias de Momo estavam: Afogados, Beberibe, Casa Amarela, Encruzilhada e Santo Amaro. Mas como os foliões utilizavam os espaços desses arrabaldes?

Em Afogados, o carnaval acontecia nas ruas e nos clubes esportivos/sociais do bairro. Na rua Motocolombó existia uma comissão de festas, composta pelos moradores, que procurava organizar o carnaval. No carnaval de 1958 a comissão era presidida pelo

⁹ Segundo o historiador Antônio Paulo Rezende, os mocambos foram os precursores das favelas, abrigavam os que chegavam atraídos pela prosperidade da metrópole. Localizavam-se nas áreas ribeirinhas, às margens do rio Capibaribe, Tejipió, Jiquiá e Beberibe. REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife: história de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

¹⁰ PONTUAL, Virgínia. **Uma Cidade e Dois Prefeitos**: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950. Recife: Ed UFPE, 2001.



comerciante José Felício, que provavelmente também era o responsável por mobilizar a comunidade. Nos dias da festa a rua era transformada, ganhando iluminação bem ornamentada e um palanque destinado para abrigar a banda que tocava as músicas carnavalescas daquele ano e receber integrantes das agremiações carnavalescas. No sábado de carnaval as pessoas que moravam no bairro comemoravam as folias de momo travando uma batalha de confetes na referida rua.

Vale salientar que as atividades culturais não se limitavam apenas a rua Motocolombó, estendendo-se também para outras artérias do bairro, principalmente o Largo da Paz. Outro ponto no bairro de Afogados que promovia o carnaval era a Praça do Trabalho, uma vila residencial localizada na rua São Miguel. Neste lugar a comissão de moradores também se mobilizavam para fazer os festejos carnavalescos. No momento do desfile das agremiações as pessoas utilizavam as calçadas para assistir as apresentações, de modo que as pessoas ficavam aglomeradas em duas filas.

Assim, percebemos que existia uma mudança no papel da rua em relação ao seu uso normal. O lugar que habitualmente era utilizado para a mobilidade, para o movimento dos trabalhos cotidianos, passava a ser utilizado como espaço de lazer, de confraternização social. Nesse aspecto o uso da rua pelos moradores do bairro de Afogados é bem diferente daquele proposto por Roberto DaMatta que justifica que na rua:

[...] é preciso estar atento para não violar hierarquias não sabidas ou não percebidas. E para escapar do cerco daqueles que nos querem iludir e submeter, pois a regra básica do universo da *rua* é o engano, a decepção e a malandragem, essa arte brasileira de usar o ambíguo como instrumento da vida. (...) Na rua, então, o mundo tende a ser visto como um universo hobbesiano, onde todos tendem a estar em luta contra todos, até que uma forma de hierarquização possa surgir e promover alguma ordem.¹¹

No caso deste arrabalde recifense a hierarquia poderia existir na distribuição das funções para a estruturação dos objetivos da comunidade, contudo, o que vemos é um conjunto de pessoas que se mobilizam para promover um período de alegria, sem a intenção de provocar lutas ou desordens na localidade.

Em Beberibe, temos um exemplo de um carnaval patrocinado por um “edil” (vereador), conhecido como José Pimentel. O político buscava reunir as pessoas do referido bairro para organizar a festa e ainda promover um pequeno concurso de agremiações, no qual oferecia prêmios às sociedades carnavalescas que se apresentassem. No bairro de Beberibe o

¹¹ DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p.91





carnaval era realizado na praça principal e assim como no bairro de Afogados, dispunha de ornamentação e palanque para o desfile das agremiações.

Em Água Fria, os festejos eram organizados por uma comissão de comerciantes, que segundo a imprensa da época, não possuía intenções políticas. A iluminação destinada para os festejos era instalada no largo de Água Fria, na avenida Beberibe, na travessa São Sebastião, na rua Júlio Ramos e na estrada velha. Outros bairros da cidade como Casa Amarela, Encruzilhada e Santo Amaro também organizavam seus festejos através de uma comissão de moradores e as vezes recebiam a colaboração do comércio local e de vereadores.

No centro da cidade a folia imperava nas principais vias dos bairros de Santo Antônio, São José e Boa Vista. Os lugares que normalmente serviam como passagem para os trabalhadores urbanos, como a Av. Guararapes, rua da Imperatriz, rua do Imperador, pontes Duarte Coelho, Santa Isabel e da Boa Vista, nos três dias de folia ganhavam uma nova configuração.

O “Quartel General do Frevo” ficava na Praça da Independência, também conhecida como Pracinha do Diário, por estar localizada em frente ao prédio do Jornal Diário de Pernambuco. A praça era o epicentro da folia, lá se reuniam foliões de todas as classes sociais, pessoas anônimas que vinham de todos os bairros da cidade: Boa Viagem, Casa Amarela, Madalena, Torre, Afogados, Beberibe, Santo Amaro, Encruzilhada, Água Fria, etc.

PRÁTICAS CULTURAIS NO CARNAVAL DO RECIFE

A animação e brilhantismo que dominavam os foliões começavam com as chamadas Agremiações Carnavalescas. Essas sociedades surgiram a partir da organização de grupos de trabalhadores urbanos, tais como: os lenhadores, os caiadores, as verdureiras, entre outros. Alguns grupos tinham ligação com as religiões afro-descendentes e procuravam através das atividades carnavalescas lutar pelo reconhecimento das suas culturas, pela defesa dos seus direitos como cidadãos. Nessas lutas os componentes dos grupos carnavalescos se utilizam da música, da dança, dos figurinos, da voz e do espaço da cidade para a transmissão das suas mensagens de resistência.

Porém existia uma rivalidade rígida, presente entre os grupos. Nas primeiras décadas da República aconteciam com certa frequência brigas, conflitos, atos de violência que derramavam sangue nas ruas, como explica Rita de Cássia Araújo:

As agressões e os insultos, a princípio verbais e gestuais, facilmente degeneravam em lutas sangrentas. A violência era uma constante no cotidiano da cidade e, mais ainda, por ocasião das grandes aglomerações populares, como no Carnaval. Desfile num clube era um ato de prazer, satisfação e orgulho, mas também o era de desafio e coragem¹²

Esses são exemplos que nos fazem compreender que no carnaval existe tanto o sentimento de união, de organização e de liberdade de expressão, quanto os atos de desregramento, de violação das normas sociais.¹³

A presença das agremiações se fazia tanto no centro da cidade, como nos subúrbios. A prática dos ensaios nas ruas dos arrabaldes era comum e preparava os foliões para o que estava por vir nos três dias dedicados ao carnaval, como divulgava o *Jornal Correio do Povo* nos anos de 1955 e 1957:

A Troça Carnavalesca Mixta “Coqueiros de Beberibe” levará a efeito hoje seu animado Grito de Carnaval, estando sido já contratada uma Jazz daquele subúrbio para animar a turma de foliões. As danças começarão a partir das 22 horas na sede social da Troça, à Travessa da Avenida Operária, 100, em Beberibe.¹⁴

Várias das nossas entidades carnavalescas já realizaram ensaios de rua preparando-se para concorrer para o brilhantismo do carnaval pernambucano. Assim é que Madeiras do Rosarinho, Clube das Pás, Vassourinhas, Batutas de São José, Lenhadores e outros percorreram diversas ruas de nossos subúrbios, em preparativos ao tríduo de S. M. Rei Momo.¹⁵

O Clube Carnavalesco Mixto das Pás, campeão do carnaval de 1956, dando prosseguimento às duas exposições públicas, a fim de concorrer brilhantemente ao carnaval de 1957, levará a efeito, no próximo dia 5, o segundo ensaio de rua percorrendo os arrabaldes de Ponto de Parada, Arruda e adjacências. A saída do Clube dar-se-á da residência do seu sócio benemérito, sr. José Reis, à rua Salvador de Sá, em Ponto de Parada.¹⁶

Dois blocos geralmente desfilavam nos seus bairros de origem: o *Banhistas do Pina*, fundado no dia 03 de fevereiro de 1932, que nos primeiros anos de atividades se apresentava nos arredores do bairro e anos mais tarde, passou a desfile na passarela do centro da cidade; e o *Bola de Ouro*¹⁷:

O clube Campeão de Santo Amaro, o tradicional e querido “Bola de Ouro” levou a efeito, ontem, o seu primeiro ensaio de rua em preparativo para o reinado de Momo. Os “garimpeiros” saíram do Bar “Ponto Final” e depois de percorrer algumas artérias do bairro onde é sediado rumou em direção ao

¹² ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: máscaras do tempo:** entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996. p.355

¹³ Sobre o conceito de desregramento nas festas ver DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações.** Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

¹⁴ **CORREIO do Povo.** Recife, 5 Fev. 1955. p.2

¹⁵ **CORREIO do Povo.** Recife, 24 jan. 1957. p.2

¹⁶ **CORREIO do Povo.** Recife, 2 Fev. 1957. p.6

¹⁷ É importante salientar que outras agremiações também desfilavam nos seus bairros de origem, no entanto optamos por utilizar o exemplo presente na documentação consultada.

centro da cidade, executando a sua orquestra os frevos com que “Bola de Ouro” apresentar-se-á no reinado da folia e da pandega.

A agremiação do folião Ursulino foi vivamente aplaudida em sua passagem pelas ruas de Santo Amaro e no centro do Recife, o que vem demonstrar nas reais simpatias que aquele cordão desfruta no seio da nossa população.¹⁸

Cada agremiação desenvolvia um modo particular de apresentação, que representava a diversidade cultural presente no carnaval do Recife. Os ritmos e cores se cruzavam pelas ruas da cidade para vivenciar o Carnaval. Entre as modalidades de agremiações carnavalescas que desfilavam nas ruas na década de 1950 destacavam-se: os clubes, as troças, os blocos, os ursos, os caboclinhos, os maracatus e as escolas de samba.

Além das atividades rítmicas e dançantes das agremiações, os foliões também gostavam de brincar com o lança-perfume. O objeto era formado por uma ampola de vidro ou metal preenchido com éter perfumado. A intenção inicial era esguichar o líquido no sexo oposto, para cortejar as damas ou os rapazes que participavam da festa. Porém, ao longo do tempo alguns foliões pareciam não compartilhar dessa idéia e faziam do lança-perfume uma arma, esguichando o líquido nos olhos das pessoas. Existia também a prática da inalação do conteúdo químico, levando a pessoa a ter um porre de lança-perfume.

O uso indevido do brinquedo pela população levava as autoridades a tomarem providências para proibir o uso e a comercialização do produto. Em 1955 o Secretário de Segurança Pública, coronel Bráulio Guimarães, tentou extinguir o lança-perfume, alegando que era um entorpecente. A decisão causou insatisfação por parte da população e da imprensa, que criticava e denunciava:

Ora, que importância há que o povo use e abuse do mesmo? O crime é que se aspire porque entorpece, nesse caso ele mande os seus “pupilos” trabalhar nos dias de carnaval – eles são pagos é para isso – e que quando os mesmos apreenderem os referidos lanças não fiquem a aspirar, como tem acontecido nos anos anteriores.¹⁹

Apesar das tentativas de censura as pessoas protestaram e saíram nas ruas em defesa do consumo do cheirinho que alegrava os foliões nos dias de carnaval. O ato teve efeito positivo e o então desembargador João Tavares decidiu suspender a decisão do Secretário de Segurança Pública.



Fonte: **CORREIO do Povo**. Recife, 15 Fev. 1955. p.1

¹⁸ **FOLHA da Manhã**. Recife, 24 Jan. 1950. p.11

¹⁹ **CORREIO do Povo**. Recife, 11 Fev. 1955. p.6



O uso do lança-perfume e as tentativas de proibição serviram de inspiração para a composição do frevo-canção *Me dá o lenço mandarim* de Sebastião Lopes, imortalizado na voz de Jackson do Pandeiro, sucesso nos carnavais:

*Me dá o lenço mandarim
Bote um pouquinho desse cheirinho pra mim
Bote, bote, bote mais um bocadinho
Com esse cheiro, eu vou pro céu devagarinho
O delegado não quer que cheire isso não
Pode haver confusão no salão
Mas bote, bote, bote mais um bocadinho
Para alegrar o coração de um folião.*²⁰

O ato de cheirar o lança-perfume nos carnavais pode ser considerado como um momento de transgressão, de ir contra os pressupostos morais, violar as regras estabelecidas pela sociedade. Poderia ser este um dos instrumentos que levavam um cidadão a ver o carnaval como uma válvula de escape, um momento para liberar as tensões ou cometer excessos, num curto período de tempo em que tudo virava de cabeça para baixo.

Além do lança-perfume, outra sensação dos carnavais era a prática do Escape Livre. Considerado uma das tradições do carnaval do Recife, consistia em instalar uma válvula (que custava cerca de Cr\$ 500) no escapamento dos carros que por sua vez produzia um barulho característico, fazendo a alegria das pessoas que assistiam. O “ribombar unísono dos motores” iniciava nas primeiras horas do sábado de Zé Pereira. Mas a Secretaria de Segurança Pública tentava constantemente proibir esta prática alegando que causava malefícios a saúde mental da população.

“ALEGRIA DO NOSSO POVO GENTIL”: OS FOLIÕES NO CARNAVAL DA CIDADE²¹

A análise da composição social dos componentes das agremiações carnavalescas em atividade nos anos 50 foi realizada a partir da leitura dos estatutos publicados no Diário

²⁰ MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas. **Antologia do carnaval do Recife**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1991. p.XXIX

²¹ Trecho da letra da música “A festa do povo”, de autoria de Luiz Faustino, compositor do Bloco Carnavalesco Misto Banhistas do Pina.

Oficial do Estado de Pernambuco nos anos de 1956, 1957 e 1958. Nesses regulamentos conseguimos identificar a classe trabalhista, o estado civil e os cargos que os membros das diretorias assumiam dentro das agremiações, bem como os respectivos bairros de origem, lugares simples, muitas vezes esquecidos pela política pública, mas que mesmo assim faziam nascer práticas culturais de resistência. É importante ressaltar que os bairros onde eram praticadas as atividades carnavalescas também poderiam (e ainda podem) ser identificados nos nomes das agremiações como clubes e troças que se apresentavam na cidade, tais como: *Inocentes do Rosarinho, Batutas de São José, Toureiros de Santo Antônio, Lavadeiras de Areias, Abanadores do Arruda, Banhistas do Pina, Destemidos de Campo Grande, Batutas de Água Fria, Teimoso da Mustardinha, Tubarão do Pina e Coqueiros de Beberibe, Coqueirinhos da Estrada dos Remédios*. Era de costume das respectivas agremiações realizarem ensaios nas suas e sedes e nas semanas pré-carnavalescas percorrerem as principais artérias dos arrabaldes onde estavam situadas.

Elegemos para exemplificar a estrutura da composição social o estatuto da Troça Carnavalesca Mista “Batutas de Água Fria”, estatuto da Escola de Samba “Garotos Desamparados” e o estatuto do Clube Carnavalesco Misto Diversional.

Identificamos que nas três agremiações acima citadas, os membros fundadores eram todos brasileiros e a grande maioria composta por homens. Apenas uma mulher figurava como fundadora, a senhora Abigail Lourenço da Silva, da Escola de Samba Garotos Desamparados, agremiação criada no dia 7 de setembro de 1942. Dentro das agremiações, as pessoas comuns, que diariamente trabalhavam como operários, funcionários públicos, comerciários, comerciantes, serralheiros, ao longo do ano e principalmente no período do carnaval assumiam as funções de presidentes, diretores, secretários, tesoureiros, oradores e fiscais. Assim concordamos com o historiador Mário Ribeiro dos Santos, quando afirma que:

[...] ao reunir pessoas da mesma classe social, as agremiações carnavalescas afirmam por meio dos cantos, danças e fantasias, as próprias práticas culturais de seus integrantes, convertendo os momentos de lazer nas ruas, em espaços de defesa dos interesses de cada grupo ou pessoa, e na busca por melhores condições de vida e de trabalho. Criam maneiras próprias de dialogar com as estruturas sociais vigentes, a partir de interesses nascidos no interior do grupo e disseminados para a sociedade através das brincadeiras.²²

Seguimos em frente procurando identificar alguns dos principais atores que faziam acontecer o carnaval dos anos 50.

²² SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trambones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)**. Recife : SESC, 2010. p. 87

Uma das figuras do carnaval nos anos 1950 foi o senhor José Bezerra, também conhecido como “Zé Bezerra” ou “vovozinho do frevo”, que com seus 80 anos de idade empunhando uma bengala, caía no passo, prometendo dançar todos os dias, sendo considerado um verdadeiro exemplo de como um folião deveria brincar no carnaval da cidade. Segundo a imprensa da época esta figura apresentava-se em plena forma e geralmente marcava o passo na Rua Nova, na Rua da Imperatriz e nos palanques armados nas ruas.



José Bezerra, o vovô do frevo.²³

Outra personalidade que teve destaque nos carnavais dos anos 1950 foi José Bezerra Cavalcanti, o folião que representou o primeiro e único Rei Momo do carnaval pernambucano, em 1957. Com seus 182 quilos, vestindo uma fantasia de veludo, o Momo recifense visitava os clubes sociais, participava do curso e se fazia presente no palanque do centro da cidade, localizado na Praça da Independência.



José Bezerra Cavalcanti, o folião que representou o “primeiro e único” Rei Momo do Carnaval de Pernambuco.

²⁴

No Recife dos anos 50, a dança característica do Frevo possuía um rei, Egídio Bezerra, também conhecido como o Rei do Passo. Um pescador que trabalhava no Iate Clube do Recife consertando lanchas, que durante os momentos com a sua família cozinhava, passava

²³ Fontes: Foto esquerda: **CORREIO do Povo**. Recife, 12 Fev. 1956. p. 8. Foto direita, extraída do livro: AMORIM, Maria Alice. **100 anos de frevo: irreverência e tradição**. Recife: Folha de Pernambuco, 2008. p.40. (Foto original de Romildo Carvalho, Acervo Museu da Cidade do Recife).

²⁴ **CORREIO do Povo**. Recife, Fev. 1957.



roupas, costurava, cuidava dos filhos, e que em outros momentos era reconhecido como um dos maiores dançarinos da cidade.

Zenaide Bezerra, filha do Rei do Passo, revela numa entrevista que a carreira de Egídio começou com uma aposta. Ele resolveu enfrentar o passista que até então era o mais premiado do carnaval do Recife, o Vovô do Frevo, o mesmo que comentamos logo acima. Essa emocionante disputa poderia ter acontecido entre 1954 e 1956, em algum dos concursos de passo realizado pela prefeitura do Recife. Segue abaixo a narrativa de Zenaide a respeito dessa disputa:

Eu não me lembro do começo, mas minha mãe ainda é viva e foi ela quem passou pra mim que existia na Rádio Clube um concurso de passista. E existia um rapaz lá, que ganhava pra todo mundo. Um tal de Vovô do Passo. Mas eu não conheci, só ouvi falar de boca da minha mãe. Aí ele estava em casa e disse “eu vou ganhar esse concurso”. E mãe disse: “Oxe, pra Vovô do Passo? Você não ganha mesmo”. Aí fizeram uma aposta, que era assim: “Se você ganhar você me dá uma cristaleira”. Eu tinha mais ou menos 6 anos e via a cristaleira que ela falou. Quando ele chegou lá, ganhou o concurso pra Vovô e aí continuou ganhando... Ele já viajava, era famoso e na volta da França começou a ensinar a mim e a minhas irmãs e meus vizinhos.²⁵

Egídio Bezerra foi responsável pela criação de várias coreografias para um dos expoentes culturais do carnaval de Pernambuco: o Passo do Frevo. No livro *Frevo, Capoeira e Passo*, Waldemar de Oliveira, traz uma parte da entrevista de Egídio concedida ao jornalista Ney Lopes durante o carnaval de 1967:

Danço frevo desde menino. Criei vários passos: “peru na chapa quente” (envergadura do corpo); “tesoura aérea” (saltos cruzando as pernas); “todo duro” (sistema de envergaduras sucessivas); “cortando jaca” (pulando com pernas abertas em circunferência); “escamado” (saracoteando em diagonal na passarela); “mulher carregando menino” (sombriinha e declive nas pernas) e “parafuso” (pernas trançadas com mudanças contínuas de posição).²⁶

Neste pequeno trecho, o passista destaca as principais coreografias desenvolvidas por ele ao longo de sua carreira. A dedicação de Egídio Bezerra para com esta dança da cultura popular rendeu frutos e hoje quem transmite esses conhecimentos é a sua filha Zenaide Bezerra.

²⁵ LÉLIS, Carmem. **Zenaide Bezerra: no passo da vida... são dois pra lá, dois prá cá**. Recife: Secretaria de Cultura/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011. p.34

²⁶ Entrevista de Egídio Bezerra, ao jornalista Ney Lopes de Souza, in “Jornal do Commercio”, do Recife, no carnaval de 1967. Retirado do livro: OLIVEIRA, Valdemar de. **Frevo, capoeira e passo**. 2. Ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985. p. 103





Egídio Bezerra, o Rei do Passo, dançando no Clube Português. ²⁷

Além da forte presença dos homens na coordenação e participação nas Agremiações Carnavalescas, as mulheres também tiveram importância significativa na festa. Para Claudilene Silva e Ester Monteiro, “os lugares e papéis ocupados pelas mulheres no contexto das agremiações carnavalescas possuem enfoques pessoais, profissionais, políticos e religiosos, que se estendem para além dos dias de folia.” Elas eram pessoas ativas e visíveis no processo de construção da festa.²⁸

Esta boa visibilidade das mulheres no carnaval também se deve às transformações de comportamentos e valores que começavam a se formar nos anos 50 e que iriam ficar mais definidos nos anos 60. A idéia da emancipação sexual, que a partir de 1954 foi possível com a invenção da pílula anticoncepcional, dava as mulheres mais liberdade e influenciava nas relações familiares e sociais.²⁹

No carnaval recifense a presença feminina pode ser encontrada em todas as modalidades de práticas culturais. Nos blocos líricos como pastoras, nas escolas de samba como porta-bandeira, nos maracatus como rainhas ou integrantes da corte, nos concursos da Rainha do Carnaval e nas ruas como folionas, fazendo os passos do frevo.

Uma das representantes do gênero feminino no carnaval de rua da cidade foi Maria Julia do Nascimento, conhecida como Dona Santa, que naquela década já estava com mais de 50 anos como Rainha do Maracatu Nação Elefante.

²⁷ Fonte: Fundaj (Acervo Digital) - Coleção Katarina Real. Notas: Foto de jornal. - Local: Recife, Pernambuco, Brasil - Data: 1957 - Descrição: foto p& b, papel: 16,5 x 17 cm.

²⁸ SILVA, Claudilene; SOUZA, Ester Monteiro de. **Sem elas não haveria carnaval: mulheres do carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011. p.35

²⁹ RODRIGUES, Marly. A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.





Dona Santa, Rainha do Maracatu Elefante. Considerada uma verdadeira “tradição viva” do carnaval pernambucano. Nesta foto, sem o traje da realeza, tinha cerca de 80 anos de idade.³⁰

Em 1955 o Jornal de Pernambuco alertava para o possível desaparecimento do Maracatu Elefante, visto que o mesmo se encontrava em dificuldades financeiras e sua Rainha “encontrava-se quase parálitica”, afetada por um problema cardíaco, morando na rua Couto Magalhães, em Ponto de Parada, no bairro da Encruzilhada. Neste mesmo ano o Maracatu lançava uma nota comunicando as dificuldades enfrentadas:

O MARACATU ELEFANTE comunica aos seus fans que, em vista de se encontrar em estado grave sua rainha, pessoas muito querida das que fazem parte daquela agremiação, não se apresentará no Carnaval de Rua de 1955, aproveitando o tempo livre para se preparar com mais capricho para o carnaval de 56.

Faz ainda um apelo aos seus admiradores para que enviem a medida de suas posses, um donativo para a folia enferma, para o endereço: rua Couto Magalhães, 104 (antiga rua do Ipiranga), no Ponto de Parada.³¹

Já em 1957, Dona Santa parecia estar melhor de saúde e foi brincar o carnaval nas ruas do Recife. O relato que segue abaixo foi publicado no jornal Folha da Noite do Estado de São Paulo, o texto é do jornalista Ivo Zanini.

Vestida com grande pompa, em que não faltavam a roupa reluzente, os berloques no pescoço e nas orelhas, além de uma coroa na cabeça, “Dona Santa” chegou ao local de jipe. Sob aplausos gerais, desceu do veículo amparada por componentes do seu bloco e, quando o maracatu vibrou nos ares, a “preta velha” levantou com alguma dificuldade seus braços e pôs-se a dançar, para espanto e delícia de centenas de pessoas. Durante cinco minutos deus mostras de que ainda não se conformou a ficar no ostracismo do maracatu, da dança. Seu desejo – foi o que nos contaram – é morrer bailando.³²

³⁰ **CORREIO do Povo**. Recife, 12 Jan. 1958. p.6

³¹ **CORREIO do Povo**. Recife, 4 Fev.1955. p.6

³² **FOLHA da Noite**. São Paulo, 3 Jul. 1957. Disponível no acervo digital do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

Link:<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=\\Acervo01\drive_s\Trbs\Funarte\Tematico.docpro&pesq=carnaval do recife/>





Egídio Bezerra, Vovô do Frevo, Dona Santa e outros mestres da cultura popular, eram pessoas comuns, trabalhadores urbanos que brincavam o carnaval, responsáveis por criar e desenvolver formas de expressão que até hoje existem (e resistem) no cenário cultural da cidade e do Estado de Pernambuco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“De chapéu de sol aberto”³³, pelas ruas dos arrabaldes recifenses, acompanhamos uma multidão que foi responsável por dar a alegria que caracteriza essa festa popular chamada Carnaval. Compreendemos a multiplicidade das formas de expressão que a cada ano se renovavam e ainda se renovam, pois os clubes, troças, maracatus, escolas de samba, passistas e frevos endiabrados continuam vivendo na cidade do Recife.

O desenvolvimento dessa pesquisa foi significativo para entendermos os processos de construção da História do Carnaval do Recife, de Pernambuco e do Brasil. Pretendemos, assim, acrescentar novas interpretações sobre os movimentos sociais e culturais do Recife do século XX e valorizar a memória da cidade.

Ao longo da pesquisa aprendemos o quanto é importante valorizar os nomes daquelas pessoas simples que gozavam daquelas atividades culturais. Conhecemos e citamos nomes que se antes estavam esquecidos, agora passam a ser lembrados e reconhecidos novamente. Acreditamos que em novas pesquisas, outros nomes e outras histórias serão recordados.

REFERÊNCIAS

LIVROS

AMORIM, Maria Alice. **100 anos de frevo: irreverência e tradição**. Recife: Folha de Pernambuco, 2008. p.40. (Foto original de Romildo Carvalho, Acervo Museu da Cidade do Recife).

AMORIM, Maria Alice; BENJAMIN, Roberto. **Carnaval: cortejos e improvisos**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

³³ Letra da música “De chapéu de sol aberto”, de Capiba.



_____. **Carnaval do Recife: a alegria guerreira.** *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 29, jan./abr. 1997, p.203-216.

ASSOCIAÇÃO DOS MARACATUS DE BAQUE SOLTO DE PERNAMBUCO. **Catálogo de Agremiações Carnavalescas do Recife e Região Metropolitana.** Prefeitura do Recife. – Recife, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec, 2010.

BELO, Adiuza Maria Vieira. **Afogados: do aterro ao bairro.** Jaboatão dos Guararapes, PE: Ed. do Autor, 2004.

BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas.** Trad. Magda Lopes. – São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

_____. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800.** Trad. Denise Bottmann. – São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** São Paulo: Global, 2001.

CASSOLI, Camilo; FALCÃO, Luiz Augusto; AGUIAR, Rodrigo. **Frevo: 100 anos de folia.** Recife: Timbro, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 2, Artes de fazer.** 7. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações.** Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LÉLIS, Carmem (org.). **Dossiê de candidatura do frevo: patrimônio cultural imaterial do Brasil.** Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/IPHAN, 2006.

_____. **Zenaide Bezerra: no passo da vida... são dois pra lá, dois prá cá.** Recife: Secretaria de Cultura/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011.

MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas. **Antologia do carnaval do Recife.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1991.

OLIVEIRA, Valdemar de. **Frevo, capoeira e passo.** 2. Ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

PONTUAL, Virgínia. **Uma Cidade e Dois Prefeitos: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950.** Recife: Ed UFPE, 2001.





REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.

REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife: história de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

RODRIGUES, Marly. **A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trambones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)**. Recife : SESC, 2010.

SILVA, Claudilene; SOUZA, Ester Monteiro de. **Sem elas não haveria carnaval: mulheres do carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011.

TELES, José. **O frevo**. Rumo à modernidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

JORNAIS/PERIÓDICOS ³⁴

CARNAVAL de 1955: jan. 1955.

CORREIO DO POVO: jan./mar. 1955, jan./mar. 1956, jan./mar. 1957, jan./fev. 1958.

CIDADE DO RECIFE: 1952-1953-1954.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **Suplemento Cultural**: coletânea 1997. Ano X, Fevereiro de 1997.

FOLHA DA MANHÃ: jan./fev. 1950, jan./fev. 1958.

O HERÓI DO SAMBA: 1953

FILMOGRAFIA

Olha o Frevo - Hucker Vieira. (Filme) Acervo Fundação Joaquim Nabuco. Recife.

Carnavais de 1941 – 1953. (Filme) Acervo Fundação Joaquim Nabuco. Recife.

INTERNET

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - Acervo Digital - Hemeroteca
<http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=62> acessado em fevereiro de 2011.

Diário Oficial do Estado de Pernambuco <http://www.cepe.com.br/diario_pesquisa.php>
acessado em junho de 2011.

Fundação Joaquim Nabuco - Acervo Digital <<http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/>>
acessado em março de 2011.

³⁴ Acervo disponível no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).